

Publication de la  
Ligue Portugaise de  
L'Enseignement et de  
La Culture Populaire

Redaction et Administration  
3, rue Recamier - Paris 7<sup>e</sup>

# jornal do Emigrante

MENSAL  
Nº 1  
Janeiro 1968  
Preço 60 cent

O Jornal de maior expansão entre os portugueses emigrados em França

## A EMIGRAÇÃO FECHOU?

### AS DIFICULDADES AUMENTAM

A Emigração fechou. Será por algum tempo? Será definitivamente? É o que não sabemos. As autoridades portuguesas nada dizem sobre o assunto; o Consulado Português dá as mais variadas respostas, que algumas vezes têm prejudicado muitas pessoas que acreditam nelas. É o caso de alguns trabalhadores que foram a Portugal sem passaporte de emigrante, a fim de, com os documentos franceses, o obterem, e que acabaram por ter de vir a salto depois dos próprios documentos franceses lhes terem sido retirados.

O que há de oficial em relação ao assunto?

Apenas a seguinte nota publicada pelos jornais portugueses:

«A Junta de Emigração pede-nos para informar que foi limitada a emigração nos sectores profissionais em que estava a causar graves perturbações à economia nacional, abrangendo essa limitação designadamente os trabalhadores agrícolas e os operários qualificados.

Em face desta determinação, todas as pessoas que pretendem emigrar inclusivamente as que se tenham deslocado ou deslocuem para o estrangeiro sem passaporte de emigrante, estão sujeitas ao referido condicionamento».

Pelo que se depreende, portanto, os trabalhadores portugueses que vieram clandestinamente e que não têm ainda passaporte de emigrante, não deverão voltar a Portugal sob pena de ficarem lá, a menos que venham outra vez a salto. De qualquer modo não lhes serão concedidos documentos nem poderão mandar vir legalmente a família. Aos trabalhadores que já tem passaporte nada os impede de voltar, se lá forem. No entanto já tem acontecido a alguns não os deixarem voltar: é muito difícil, pois, saber se se pode ir ou não em segurança; já houve mesmo casos

de portugueses, que tinham os documentos em ordem e que foram retidos. Como saber se as próprias autoridades competentes se negam a dar respostas concretas? Como fazer se não existe lei ou se ela é aplicada segundo as conveniências do momento, doa lá a quem doer? Temos que ser muito prudentes. Enquanto as coisas se mantiverem como estão, ir a Portugal pode trazer aborrecimentos. Para já é muito desagradável o facto de muitos de nós quererem mandar vir as mulheres e não poderem, visto que não têm passaporte nem meios de o obter. Acontece que muitas delas têm que vir a salto e, por vezes, com filhos ainda pequenos, vencendo dificuldades enormes numa travessia que já para os grandes é tão difícil.

O fecho de emigração é mais uma dificuldade a juntar a todas as que já tínhamos antes. Se até agora a vinda para França nos era difícil, pelas condições em que tínhamos de vir, a partir deste momento estamos sujeitos a nem sequer poder lá ir para visitar as nossas famílias, ver a nossa terra. Antigamente ainda podíamos legalizar a nossa situação, agora nem isso. Ficamos perante dois caminhos: ou vir para França, a salto, e não poder voltar mais por falta de documentos, ou então, ficar lá, rapando fome e, muitas vezes, sem ter um chave para a mulher e os filhos.

Logo que tenhamos dados mais seguros sobre este assunto, Informaremos os leitores.

## NOTAS SOLTAS

### EXEMPLO

Passando há dias em Saint-Denis demos com uma cena que aqui gostosamente referimos. Tratava-se da construção duma habitação de madeira em que trabalhavam desinteressadamente alguns trabalhadores, ajudando o futuro morador, também nosso compatriota. Trata-se dum pequeno mas bom exemplo de solidariedade. Estava muito frio nessa tarde. Choveu mesmo. Mas ninguém largou mãos da obra. A pouco e pouco a casa foi surgindo e pôde mesmo ser habitada nessa noite.

Também há aqueles para quem só contam os interesses pessoais. Há, mesmo, aqueles que vão ao ponto de explorarem as dificuldades e o desconhecimento dos trabalhadores. Basta ir à estação de Austerlitz ou aos «Bureaux» da Mão-de-Obra para os vermos. E quem não se lembra que as portas da «Renault» foram fechadas aos portugueses porque um grupo dessa gente fazia negócio com as entradas?

Como por todo o lado, o joio mistura-se com o trigo. Homens há, mesmo entre o povo, que mais parecem bichos que seres humanos. Mas há também os outros, e aqui está este pequenino exemplo de Saint-Denis para prová-lo.

## A maior tragédia

### que o povo português sofreu depois de 1755

Na noite de 25 para 26 Novembro, a população portuguesa conheceu uma das maiores tragédias dos últimos duzentos anos.

As águas do Tejo, engrossadas por fortes chuvas, inundaram grande parte da região de Lisboa e das lezírias da província do Ribatejo.

Entre a meia-noite e as duas horas da manhã, a população destas regiões foi surpreendida por enxurradas sucessivas com tal intensidade que arrastavam tudo à sua passagem. Muros desabados, casas desmoronadas, pontes destruídas, aldeias inteiras alagadas, são o espectáculo apresentado

na manhã do dia 26, após uma noite de pesadelo.

As zonas mais atingidas foram as de Vila Franca de Xira, sobretudo Carregado, Alverca, Cadafals, Azambuja e Quintas. Esta última, a aldeia de Quintas, foi varrida completamente, não ficando pedra sobre pedra. Nesta aldeia as mortes foram elevadíssimas, cerca de 100 pessoas, o que constituiu quase toda a população.

Outra zona bastante atingida pelas inundações é aquela que reúne as povoações de Odívelas, Loures, Póvoa de Santo Adrião, Queluz, Barcarena, Carnaxide. É nesta zona, sobretudo na baixa de Odive-

las, que se situam grandes aglomerações de bairros de lata

Pode dizer-se que na faixa norte do Ribatejo, que se estende até Alenquer, não havia uma única pessoa que não chorasse a morte dum familiar.

Continua na 2a Pag.



## PRIMEIRAS PALAVRAS

Este é o primeiro número do **Jornal do Emigrante**. Pareceu-nos importante explicar as razões que motivaram o seu aparecimento, e quais os fins a que ele se propõe.

Só na zona de Paris vivem vários milhares de trabalhadores e muitos outros encontram-se espalhados por toda a França. Os problemas do dia a dia que temos de enfrentar não nos permitem, ao contrário do que desejaríamos, entrar em contacto nem tomar conhecimento dos problemas que se relacionam com os nossos compatriotas.

Estabelecer um elo de união, para que se crie uma verdadeira comunidade entre os milhares e milhares de portugueses que aqui vivem, foi a principal razão do aparecimento do **Jornal do Emigrante**.

A falta de tempo não só impede a formação dessa comunidade como nos leva, pouco a pouco, a perder o contacto com Portugal. Mas Portugal é que é a nossa terra, e são, sem dúvida, os factos que lá se passam, que nos tocam mais directamente. Devemos ter sempre presente que o estarmos aqui se deve a condições anormais (a falta de trabalho e os baixos ordenados que se verificam em Portugal são a sua maior causa) e por isso, a nossa presença em França será apenas uma etapa na vida de cada um.

Devemos acrescentar que o **Jornal do Emigrante**, para além da sua missão informativa, se propõe servir para esclarecer todos os problemas, dentro das suas possibilidades, a qualquer trabalhador português.

Terminamos pedindo-vos que ajudeis o **Jornal do Emigrante** a cumprir o fim a que se propôs:

— Defender os interesses dos emigrantes portugueses em França.



Photo Keyston

## A maior tragedia

(Continuação da pag. 1)

### O ANJO LOIRO

Durante toda amanhã do dia 27, o cadáver duma menina linda, cerca de três anos, cabelo de ouro, esperou na casa mortuária que alguém a reconhecesse.

Apenas uma mulher disse tratar-se da menina dos caracóis dourados, da Quinta da Granja, aos Cadafais, lugar que a tragédia fizera desaparecer.

Ninguém conseguiu saber quem era este anjo loiro e o seu nome. Na sua campa será escrita a seguinte legenda:

«Criança desconhecida»

### FANHÕES

En Fanhões os caminhos atulhados de pedregulhos ficaram intransitáveis. As pontes de acesso à população foram arrastadas pelas águas; as hortas que eram o sustento de muita gente pobre foram destruídas; e o cemitério foi invadido pela enxur-

## A TALHO DE FOICE

VILAFONCHE (Arcos de Valdevez)

«A antiga junta de freguesia não modificou muito as coisas. Apenas se verificou a saída do Senhor Alberto Lima que desempenhou o cargo de tesoureiro. O nosso prazer era dizer que, durante esse período, a nossa freguesia sofreu alguns melhoramentos, mas infelizmente isso não aconteceu. Sómente se arranjaram alguns caminhos, poucos, e fizeram-se mais umas pequenas coisas, que consumiram todo o dinheiro existente».

(Do Jornal Local)

É pelas pequenas coisas que se arranjam as grandes fortunas, Senhor tesoureiro. Mas o mal não está exactamente no tesoureiro porque o novo vai tomar posse e os caminhos... quem os percorre que os limpa».

Esta história de eleições como a gente sabe é como jogar á sueca e guardar sempre os trunfos para o que distribui o baralho: Ganha sempre o mesmo.

### NAS POVOAÇÕES DO VAL DO LIMA

Entretanto «Os Caminhos de Ferro do Val de Lima e os terrenos que o circundam vão ser postos em liquidação. O nosso Governo nunca negou a sua boa vontade no auxílio do progresso das populações. Se as autoridades Limianas e os deputados do nosso distrito nisso se interessarem a nossa voz será atendida. Oxalá que assim seja, pois esses são os nossos desejos e os de todas as populações do Vale do Lima».

(Do Jornal Local)

Tenho muita pena em o contrariar mas penso que o Senhor está mais enganado do que um porco gordo. Não falam dessa maneira os nossos compatriotas de Vilafonche cujos problemas você conhece melhor do que eu.

Ai, essas pequenas coisas que consomem todo o dinheiro das caixas, e esses jogos da sueca em que ganham sempre os mesmos!

Comece por mudar os parceiros e verá que o combóio continuará a passar, novinho, a assobiar de contente.

### A ESTRADINHA DE VILAR

A gente do Vilar (Arcos de Valdevez) vai ficar radiante com esta notícia: «Já há 14 contos para a «Estradinha»... Foram dados pelo Senhor Manuel Cerqueira, de Cascais (não confundir com o Senhor Joaquim Cerqueira, o francês, que habita no Vilar).

Mas o Senhor benemérito Cerqueira pôs condições á construção da «estradinha»: ela tem de passar pela capelinha de Nossa Senhora da Luz».

Ótimo Senhor Cerqueira! Isso é que é bairrismo e desinteresse... O Senhor Abade vai ficar muito contente com a sua ideia. Para já pode contar com a primeira missão. (Que não seja a dos defuntos é o que lh'eu desejo).

rada que levou consigo muitos cadáveres que desapareceram.

### UM UNICO SOBREVIVENTE

Na povoação Casal de Gois, onde viviam três famílias num total de 16 pessoas, houve apenas um sobrevivente.

### CADÁVERES EM OLIVAIS DE BASTO

Montes de lama cobrem as estradas que se apresentam desmoronadas em muitos locais. Gado morto espalha-se pelos campos ainda cobertos de água e lama.

### ALENQUER E AMADORA

Na parte baixa da vila de Alenquer a água atingiu 8,5 metros. Na Amadora foi encontrada, no dia 4 de Dezembro, Cacilda Jesus Pereira, de 68 anos, moradora na rua Elias Garcia, 221. Este prédio foi abatido durante as cheias, morrendo 4 pessoas da família da Sr. D. Cacilda e uma neta desta senhora que ainda não foi encontrada.

Uma menina recém-nascida, filha do Sr. Manuel Duarte da Silva e de Amália dos Santos Firmino, morreu gelada ao colo do pai.

### ODIVELAS (29-11-67)

Segundo se calcula mais de trinta pessoas ainda não foram encontradas. Os bombeiros voluntários continuam a fazer pesquisas no sentido de encontrar mais gente sinistrada nas áreas mais afectadas.

Maria do Céu Costa de Almeida, casada com um descarregador e mãe de três filhos, perdeu a irmã e um sobrinho. O corpo da irmã ainda não apareceu. Ficou sem casa. O marido ganha 58 \$00 por dia e tem cinco pessoas a sustentar.

Sem água, praticamente sem luz, a população desta localidade parece arrastar-se desolada pelas ruas. As pessoas faltam aos empregos, pois as estradas estão danificadas, não funcionando qualquer meio de transporte.

..

### O POVO VITIMA DA IRRESPONSABILIDADE DO GOVERNO

Todos os anos as cheias do Tejo causam enormes prejuízos e algumas mortes. Muitas das aldeias e lugarejos que se situam ao longo do Tejo são desprovidos de quaisquer meios que permitam defender estas populações das enchentes do rio.

Os habitantes que insistem para que as autoridades dêem providências a tais necessidades, todos os anos se vêem ameaçados e atingidos pelas inundações. As autoridades têm assim feito orações mansas aos apelos das populações locais para melhorar esta grave situação.

No que respeita à cidade de Lisboa e localidades vizinhas a falta de uma rede que permita o escoamento das águas é a causa de mortes e prejuízos que têm lugar todos os anos por altura das cheias. A localidade de Urmeira, por exemplo, todos os anos se vê atingida pelo temporal. Os seus habitantes vivem em barracas de madeira ou casas pré-fabricadas, sem condições de higiene e de segurança. Estas barracas são, segundo as autoridades, «habitações não definitivas». Encontramos, aí porém, moradores que há mais de dez anos esperam a casa para a qual vêm descontando dinheiro.

Lembremos que a maior parte dos antigos moradores da zona de Alcântara (Lisboa), desalojados por causa da construção da ponte sobre o Tejo, ainda não têm casa definitiva.

Sabemos que na região de Lisboa, por exemplo, a falta de alojamentos é enorme, mas que apesar disso, muitos prédios estão por habitar. Porquê? Porque as rendas são elevadíssimas na sua maior parte superiores a 1 000 \$00 chegando mesmo a atingir 4 e 5 mil escudos. Salientamos que, para a chamada «renda económica» foi estabelecida a quantia de 1 110 \$00 (2 a 3 casas assalhadas). Estas rendas limitadas

(Continua na pag. 3.)

QUE  
SORTE  
OS  
ESPERA

?



A emigração dos trabalhadores portugueses para o estrangeiro põe problemas graves à vida social do país.

A França é o novo Brasil para onde fogem aqueles que não podem ganhar na sua terra o suficiente para sustentar a família, pagar as dívidas contraídas e viver uma vida decente, como seres humanos.

É evidente que as razões que nos levaram a sair são justas. Quem, dentre os camponeses pode viver à espera de vender o milho, o trigo ou o vinho se, para o amanhã das terras, teve de empenhar a própria terra aos bancos ou ao Estado?

Há regiões de Portugal onde as aldeias se despovoam, não ficando senão as mulheres, os velhos e as crianças. As terras continuam abandonadas sem muitas vezes os vizinhos saberem a quem pertencem.

A maior parte dos emigrantes considera a sua vinda para França como o fruto de um engano e de uma ilusão. De facto, aqui poderemos ganhar um certo dinheiro que trocado em moeda portuguesa nos permite pagar as dívidas que contraímos no país; mas também é certo que as condições de trabalho, de habitação a que nos sujeitamos não são melhores que em Portugal, e até piores para muitos.

Mas esta ilusão não impede, no entanto, que vagas sucessivas de emigrantes cheguem a França, fugindo da sua terra como dum inferno, onde a vida se consome sem perspectivas de melhorar.

O Concelho do Pombal é o concelho mais atingido pela emigração. Em 1960, 58 000 homens habitavam o concelho, hoje ele é apenas habitado por 10 000. Portanto, 48 000 abandonaram o país rumo a França. A freguesia mais atingida é São Simão de Litém, do concelho de Pombal; em 1960 1 000 famílias viviam nesta freguesia. Dessas famílias encontram-se actualmente em França 2 000 pessoas, ou se-

ja, duma maneira geral duas pessoas por cada família.

Por que é que tanta gente se vê obrigada a sair do país? Perguntemo o que nos diz um emigrante desta região: «Como é que o lavrador pode viver se um alqueire de milho, após todo a trabalho, lhe fica por 30 \$00, se ele se vê obrigado por lei a vendê-lo por 20 \$00? Trabalhar para aquecer, vá que não vá, perder por gosto é que não.»

## «BRANCO NO PRETO»

### PAISES NATURALMENTE POBRES?

Há países naturalmente pobres e países naturalmente ricos? Tomemos um exemplo: Portugal. O Governo português diz: «Somos um país naturalmente pobre». Será isto verdade?

Nós pensamos que não. Temos a certeza que somos um país rico.

Um país só pode ser rico, quando:  
1º: As riquezas que possui forem exploradas no interesse desse país.

2º: Quando essas riquezas constituírem benefício de toda a Nação.

Que se passa em Portugal?  
Em Portugal passa-se o contrário do que dizemos.

Os principais recursos naturais (minérios) estão nas mãos dos estrangeiros.

As principais indústrias estão nas mãos dos estrangeiros, com a participação de um reduzido número de portugueses.

A própria terra também é propriedade de alguns e não de todos. Sobretudo no Sul (Ribatejo e Alentejo) meia dúzia de privilegiados possuem toda a Terra.

Nestas condições Portugal tem que ser um país «pobre» mas não é, como estão a ver, um país naturalmente pobre. É pobre porque a sua riqueza vai para a mão dos estrangeiros e de meia dúzia de privilegiados que defendem este estado de coisas. São eles que dizem: «Somos um país naturalmente pobre».

Portugal é um país pobre nas condições actuais. Será rico quando essas condições se modificarem.

Claro está, que não são os portugueses que dizem «Somos um país naturalmente pobre» que vão modificar, essas condições.

JORNAL DE  
TRABALHADORES  
para trabalhadores

# NOTÍCIAS INTERNACIONAIS

## O QUE É A GUERRA DO VIETNAM

É provável que muitos dos nossos leitores tenham já feito a pergunta: O que é a guerra do Vietnam?

Vejamos em primeiro lugar o que é o Vietnam.

O Vietnam é um estado da península da Indo-China, assim chamada por se encontrar entre a Índia e a China. Embora se trate do mesmo povo, pois todos falam a mesma língua e têm a mesma cultura, o Vietnam encontra-se dividido em dois: o Vietnam do Norte e o Vietnam do Sul.

Se são o mesmo povo, porque razão se encontram divididos?

É que o Vietnam foi uma antiga colónia francesa. A partir de 1945, altura em que acabou a última guerra, o povo Vietnamita lutou contra os colonialistas franceses para conseguir a independência. Em 1954 esta luta foi interrompida e deu lugar a um tratado. Este tratado impõe a divisão do Vietnam: ao Norte as forças do Exército popular do Vietnam; ao Sul as forças dos colonialistas, a União francesa. Mas o acordo dizia que esta divisão seria provisória e que em 1956, dois anos depois, haveria eleições livres.

Mas o que aconteceu? As eleições não foram respeitadas e os americanos, que já antes haviam apoiado os colonialistas franceses, introduziram-se em Saigão (capital do sul do Vietnam).

O povo vietnamita viu-se assim traído; depois dos colonialistas franceses vieram os colonialistas americanos. A medida que o povo reclamava a independência e as eleições livres, os americanos desembarcavam cada vez em maior número no Vie-

tnam. Então, ao povo vietnamita, que procurara antes por meios pacíficos a sua independência, só lhe restava um caminho: lutar contra o invasor estrangeiro. Foi assim que se formou a Frente de Libertação do Vietnam do Sul. Ao Norte os vietnamitas tinham já formado uma República Democrática e Independente.

O que é a Frente de Libertação?

A Frente de Libertação é constituída hoje por quase todo o povo do Vietnam do Sul, que se viu obrigado a organizar um exército popular para enfrentar os inimigos do povo, lutando pela independência Nacional. O Governo que se encontra ao sul foi imposto pelos Estados Unidos e está dependente destes.

O que diz o governo dos Estados Unidos da América? Diz que se encontra no Vietnam para defender a liberdade dos Vietnamitas. Mas o que fazem os americanos? Lançam bombas não só no Vietnam

do Sul como no Vietnam do Norte, destroem as plantações, as igrejas e as casas dos Vietnamitas.

Mas é certo que aos americanos não interessa a liberdade do povo Vietnamita; interessa-lhes sim, a sua dependência, a sua exploração.

Por seu lado, os Vietnamitas resistem à nação mais poderosa do mundo, às suas bombas, aos seus canhões, aos seus soldados.

Como é possível? Muitos têm feito esta pergunta. É que os Vietnamitas têm razão, e esta razão leva-os a unirem-se numa luta contra o inimigo comum. A Frente Nacional de Libertação não são apenas soldados, mas todo o povo do Vietnam. Homens, mulheres e crianças, operários e lavradores, todos eles têm uma arma, para defenderem a sua pátria dos invasores. Há onze anos que o povo luta sem desanimar: Eles estão certos da Victória.

## REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Cinquenta anos passaram depois da Revolução de Outubro. Em 1917, o proletariado russo dirigido por Lenine instaurava a primeira sociedade socialista, cujo fim é acabar com todas as classes e privilégios.

A Revolução de Outubro é um dos acontecimentos mais importantes do nosso século. Pela primeira vez na história da sociedade humana, conseguiu-se mostrar que é possível criar uma sociedade justa, que acabe com a exploração do homem pelo homem; e que os operários conseguem governar um país sem precisarem dos capitalistas para nada.

A Revolução de Outubro apontou o caminho

a muitos outros povos que conseguiram libertar-se da escravidão, e tomar eles próprios as rédeas da sua vida. Hoje metade da população do mundo vive em países socialistas, e os restantes povos combatem em todas as frentes para conquistarem uma sociedade mais justa, onde a ignorância, a miséria e o desemprego sejam coisas desconhecidas.

A Revolução de Outubro proporcionou a criação dum ambiente social novo, baseado na dignificação do trabalho e no respeito do homem. Pode por isso dizer-se que ela é o primeiro marco a apontar o verdadeiro caminho para a felicidade.

## A MAIOR TRAGÉDIA (continuação)

são o resultado dum contrato que permite ao proprietário não pagar impostos no prazo de dez anos, obrigando-se este apenas a respeitar a renda limitada durante esse mesmo prazo de dez anos, findo o qual o proprietário poderá estabelecer a renda a seu bel-prazer. Ora, é bem claro, que esta medida, em lugar de favorecer aqueles que não podem pagar rendas elevadas, como é o caso dos operários, favorece aquele que não tem necessidade — o proprietário.

Nestas condições, operários que por vezes não chegam a ganhar 1 000 \$ 00 por mês, vêem-se obrigados a ocupar as barracas dos arredores de Lisboa como sucede no Casal Ventoso, Bairro da Liberdade, Moscavide, Almada, etc.

### O GOVERNO NAO FAZ CASO DOS POBRES

As vítimas desta tragédia são na sua maioria pobres, operários e suas famílias. E por isso que se diz em Lisboa; «O Governo não faz caso dos pobres».

O povo revolta-se contra a incapacidade e o desprezo do Governo perante o resultado da tragédia. Milhares de pessoas ficaram sem alojamento e sujeitas ao frio e à fome. Apesar disto, o governo não tomou as medidas necessárias e urgentes para socorrer as vítimas. Perante a incapacidade e o desprezo do governo, o povo foi obrigado ele próprio, a tomar a iniciativa dos primeiros socorros, secundado por instituições de beneficência. O povo fez o que pôde, a sua solidariedade para com os desprotegidos foi importante e digna de louvor. Mas é certo que o povo não possui os meios para remediar todos os males. Se ele os possuísse saberia não só remediar mas evitar catástrofes deste género.

### A SAUDE PUBLICA ESTA AMEAÇADA

A saúde pública está ameaçada nas regiões atingidas, principalmente as de Vila Franca de Xira e Leiria. Devido às inundações e às chuvas torrenciais a água consumida nestas regiões poderá provocar certas doenças, como as febres do tifo.

Já se verificaram casos de febre tifóide nos concelhos de Marinha Grande e de Porto de Mós. As medidas de vacinação deveriam ter sido administradas logo após a tragédia. Mas o que aconteceu? O país não se encontrava apetrechado de modo a socorrer as zonas sinistradas. É devido à beneficência de países estrangeiros que tais medidas foram tomadas alguns dias depois.

### A CENSURA

Em todo o mundo foi conhecida esta catástrofe, mas o povo português desconhece ainda hoje as suas verdadeiras causas e proporções. A censura impediu que se dessem notícias pormenorizadas. Assim aconteceu com vários jornalistas que tentaram dar um relato mais pormenorizado sobre as causas de catástrofe. Eis as palavras dum jornalista: «O governo tenta esconder os factos porque é demasiadamente orgulhoso para admitir a necessidade de ajuda».

Segundo um jornal francês, no dia 30 os mortos elevavam-se a 427, número desconhecido na altura pela população portuguesa.

Do mesmo modo é desconhecido o número de desaparecidos. Por outro lado a rádio e televisão, numa eventualidade como esta, reduziram-se quase ao silêncio por imposição do governo.

### FALSO ORGULHO

Sabemos que vários donativos tanto em agasalhos como em medicamentos, foram enviados para Portugal por diversas organizações ou particulares estrangeiros e até mesmo por portugueses residindo no estrangeiro. Mas o falso orgulho do governo levou a Cruz Vermelha a recusar a oferta de cerca de 300 contos da Cruz Vermelha Internacional. Ao que parece razões políticas se escondem por detrás desta recusa. A esta arrogância que levou o governo a negar ao povo aquilo que ele não dá a esta arrogância não nos podemos calar. Em circunstâncias como esta, em que milhares de vidas estão ameaçadas tal recusa não é apenas um falso orgulho mas um acto criminoso.

### PARA QUE SERVE A CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA?

É à Câmara Municipal de Lisboa que compete os melhoramentos da cidade. É a ela, portanto, que compete organizar um plano para o escoamento das águas na cidade de Lisboa e o pôr em prática; é ainda ela quem tem poderes para solucionar o problema dos que vivem em barracas, construindo para estas melhores habitações.

Parece-nos serem estes problemas mais urgentes que as luzinhas de muitas cores que Lisboa apresenta por altura do Natal. Todos os anos a Câmara Municipal gasta centenas de contos com as iluminações de Lisboa. As mais importantes ruas e avenidas de Lisboa encontram-se embelezadas logo que chega o mês de Dezembro. Para o Presidente da Câmara, General França Borges, o embelezamento da cidade de Lisboa é bem mais importante que os milhares de desalojados ou mal alojados desta cidade. Tais embelezamentos, tais iluminações da cidade não só são um desperdício do capital do Estado como uma injúria a milhares e milhares de pessoas da cidade de Lisboa. Hoje essa injúria é maior do que nunca.

### OS QUE FICARAM SEM TRABALHO

As inundações atingiram várias fábricas, nomeadamente no Carregado, Alverca, Barcarena, Alenquer, Benfca, Alhandra e Barreiro. As autoridades portuguesas parecem preocupar-se demasiadamente com o prejuízo dessas fábricas. Nós, estamos muito mais interessados em saber da sorte dos operários que trabalhavam nessas fábricas. Sabemos muito bem que os proprietários das fábricas não irão morrer de fome. Mas o que sucederá aos operários?

Todos sabemos que a Segurança Social de um operário é praticamente inexistente em Portugal. De que viverá o operário durante o tempo em que não tem trabalho? Des esmolas do Movimento Nacional Feminino?

### OS «GRANDES» TAMBEM TEM MEDO

Segundo últimas notícias, a alerta foi dada e vários quartéis, sobretudo os que ficam nas zonas sinistradas, encontram-se

## O petróleo de Cabinda faz sensação

Tem provocado os mais sensacionais comentários a notícia há tempos divulgada sobre as grandes possibilidades petrolíferas descobertas em Cabinda.

«Portugal apresenta uma possível alternativa para o petróleo actualmente produzido no turbulento Médio Oriente», — escreve a edição europeia do «Herald Tribune» ao comentar a exploração dos jazigos de petróleo existente na plataforma continental de Cabinda.

«Essa exploração — acrescenta — deve provocar importante progresso na economia portuguesa, e a actividade dos guerrilheiros na zona de Cabinda não parece constituir grande problema».

Por seu turno, o semanário espanhol «S P» dedica três colunas à notícia de que Portugal será um dos grandes produtores de petróleo, graças aos jazigos existentes na plataforma continental do distrito de Cabinda.

«Até ao feliz momento em que os técnicos da Gulf Oil puderam dar o grito de «petróleo» — sulinha o semanário — esta companhia norte-americana gastou mais de vinte milhões de dólares na zona de Cabinda».

O «S P» sulinha, também, que principiou a construção de um sistema de oleodutos e de tanques, a 17 quilómetros da capital daquele distrito de Angola, num ponto onde poderão atracar petroleiros de cem mil toneladas.

Citando o gerente da Gulf Oil em Cabinda, Veiga Lima, o semanário afirma a possibilidade de parte do petróleo português ser industrializado em Espanha, pois aquela empresa pediu licença para abrir em território espanhol uma fábrica de derivados de petróleo.

(DO JORNAL DE PORTIMAO)

Vamos pensar um pouco na notícia que acabamos de ler, e colocar-lhe os pontos nos is.

O petróleo que tanto tem ao que parece dado que falar, foi descoberto por uma companhia americana em Cabinda, que é uma região do Norte de Angola. Esta descoberta é de grande importância dado que, como sabemos, o petróleo é uma das maiores riquezas naturais existentes.

No entanto, verificamos que quem vai beneficiar dessa riqueza são americanos através das suas companhias, apesar de ter sido descoberta em território que segundo o governo português, faz parte de Portugal.

O que aconteceu agora com o petróleo acontece com as principais riquezas existentes nas colónias portuguesas, podendo-se apresentar como exemplo as minas de diamantes de Lunda (Angola) que são totalmente exploradas pelos ingleses e belgas. Para além deste facto, e segundo a notícia que acabamos de ler, verificamos que a industrialização do petróleo, isto é, a transformação do petróleo nos produtos de utilização industrial que dele se podem tirar, tais como a gasolina, a benzina e uma grande variedade de óleos, vai ser feita em Espanha.

Qual será a razão que leva os americanos a construírem as suas fábricas em Espanha?

A guerra que há seis anos o governo português mantém em Angola e nas outras colónias, contra os povos nelas nascidos que querem a sua independência, será a resposta mais exacta.

Os americanos sabem que mais tarde ou mais cedo os angolanos conseguirão tornar-se independentes, e nessa altura correm o risco de ver as suas fábricas passarem para as mãos dos seus verdadeiros donos.

O mais grave no meio de tudo isto, é que a juventude portuguesa continue a ir para uma guerra provocada por falsas ideias, perdendo a vida na defesa dos interesses das grandes companhias americanas e inglesas que são, pois, quem o duvida, os verdadeiros donos das Colónias e mesmo de Portugal.

de prevenção. Coisa nunca vista! Em Ma-fra, que só tem quartel de infantaria aparceram tanques e carros de artilharia pesada. Porquê?

Esta cautela do governo vem comprovar que este tem carradas de culpas no tão apregoado «desastre». O resultado das cheias não é simples acaso, e disto já se apercebeu o povo. Então, pelo sim pelo não, o governo volta os canhões para as vítimas das cheias com medo que os profetas se transformem em acção.

O director exasperava-se.

—Diz a verdade, rapaz. Se continuas caído, mando prender-te por encobridor! Olha que o silêncio também é crime.

—Mas eu não sei nada, senhor director—gaguejou José Maria, de olhos no chão, enquanto as mãos, nervosamente, iam torcendo o boné sebento.

—Sabes tudo! e há-de contar, imbecil! Não queres denunciar os camaradas e atraiçoas aqueles que te dão o pão!

O rapaz tremia, sem saber como conter a cólera do director da fábrica.

Este volveu mais irritado: —Também és daqueles que querem a revolução social? Canalhas! Sois uns caes, que mordem a quem lhes mata a fome!

—Oh! patrão... —balbuciou apenas o moço, num soluço de todo o seu humilde ser injuriado.

Mas o director, congestionado de raiva, não sentiu a dor daquela exclamação de servo acobardado e miserando. Passava-lhe pela mente a sua situação periclitante perante a administração da Companhia: o prejuízo da fábrica, que viria a tornar-se em seu próprio prejuízo. E porquê? Porque uns miseráveis queriam mais uns escudos e menos horas de trabalho. E só por isso, por mesquinha ambição, destruíram eles, criminosamente, a máquina grande, o grande valor da fábrica. Malditos!

Também ele, noutros tempos, fora operário modesto. Estudara, depois, á custa de esforços incalculáveis. Hoje, era considerado, tinha influência e uns contos no Banco...

A lembrança da sua vida passada acalmou-o um pouco. Olhou o moço esfarrapado, pálido e sujo —um pobre diabo que mostrava no rosto toda uma ascendência de miséria— e, procurando adoçar a voz imperiosa á torça de hábito, exclamou: —Ouve Zé Maria: Eu não te quero mal. Se pretendo saber, é para teu bem, para nosso bem. Eu cumprio deveres e também trabalho.

—Vá, põe-te á vontade; podes sentar-te. E com um gesto indicou-lhe a poltrona junto de si.

O rapaz, tímidamente, mal se sentou. «Talvez que assim, por bons modos, consiga levá-lo a confessar» —pensou o direc-

## O CAPATAZ

Conto de SOEIRO PEREIRA GOMES

tor. Ba:eu-lhe afávelmente no ombro e abriu a cigarreira de prata.

—Queres um cigarro? Fuma.

José aceitou, interdito, coçando a cabeça. E o director calmamente, refletidamente, prosseguiu:

—É preciso que compreendas, meu rapaz. Eu tenho responsabilidades: a fábrica está á minha guarda. E a fábrica é todo o capital dos accionistas, dos seus donos, que empregaram nela o seu dinheiro e to dão a ganhar.

—Tu viste o desastre, Zé Maria?

—Eu estava lá perto ...mas não vi nada... aquilo foi de repente...

O rapaz atrapalhava-se, corava passando maquinalmente as mãos pelos joelhos osudados. O fumo do cigarro inglês, perfumado, engasgava-o, fazia-lhe tonturas. Ia-se-lhe amolecendo o ânimo, a resolução firme, quebrantada pelo ambiente de conforto e, sobretudo, pelo trato carinhoso do director, que ele sempre conhecera invasivo e ríspido.

De chofre, este perguntou: —Gostavas de ser capataz? De ter um bom salário, uma casa aseada e de graça— gostavas, eh, Zé Maria?

O rapaz estremeceu; brilharam-lhe nos olhos centelhas de júbilo e, aparvalhado, com os lábios entre-abertos, ficou-se a fitar o director.

—Pois podes ter tudo isso —continuou este. E só tu dizeres...

A um gesto vago do rapaz, o director acrescentou: —Não te peço que digas, agora. Não. Vai para casa e amanhã falaremos.

José Maria entrou em casa, abstrato, sem ter notado o caminho. Comeu, sem uma palavra para a mulher, sem um afago para os dois filhos, o magro caldo de couves e dois nacos de chouriços, e deitou-se quase em seguida.

Só então conseguiu coordenar as ideias, relacionar as palavras que lhe bailavam na memória.

Capataz ...sem aluguer de casa... bom salário... Estaria sonhando? Não; ele bem via projectadas no tecto, como num écran, as imagens dos seus pensamentos.

O ambiente nauseabundo do casebre parecia-lhe impregnado também do aroma do cigarro inglês.

Mandar! —ele, fraco servente, que sempre foi mandado. Mandar em alguns, no João Ruivo, que tão mal o tratava. Mas logo outras imagens se sobrepujam. Não; eu não tenho o direito de atraiçoar os camaradas. São meus amigos, meus irmãos de trabalho.

No canto da enxerga, a mulher tossiu profundamente. A sua mulher! Uma enfêxada, sempre doente, por quem o médico —agora se lembrava— torcera o nariz na última consulta. Que precisava de bons ares e petiscos, e descanso —dissera o doutor. Ah! se tivesse bom salário!

Os olhos dele, já afeitos ás trevas, fixavam-se agora no tugúrio que habitava: um só quarto térreo sem janelas, o qual lhe servia também de cozinha e sala de jantar. Lá estava a cómoda carcomida e desconjuntada, onde guardava os trapos e a loiça; a mesa pequena, sobre que poisava uma estatueta de barro com flores de papel, único alarde de decoração; ao canto, o fogareiro de carvão. Não contando com as enxergas onde dormiam ele, a mulher e os filhos, era tudo quanto tinha de seu.

Os filhos! Rebentos débeis de uma haste débil, raquíticos, sempre semi-nus e esfomeados.

E se ganhasse bem! Se tivesse mehor casa, os filhos fortes, a mulher com saúde?!

Reflectia, procurando justificar-se ante a consciência. Afinal —murmurava— sempre há-de vir a saber-se quem foi.

As emoções iamno fatigando; pesava-lhe o sono nas pálpebras. Voltava, de novo, o aroma do cigarro inglês... Adorreceu.

—Aquele já vai a caminho do inferno —casquinou o Lanzudo, rematando a trama dos seus pensamentos.

—Quem?

—Zé Maria, o «Malhado», capataz lá da fábrica. Também só você lhe foi dizer adeus ao cemitério.

O mestre João escorripichou o copo e ficou a olhar-lhe o fundo, pensativo.

O outro esperava resposta. Ele bem sa-

bia que o mestre das oficinas era o único operário que, na fábrica, falava ao Malhado. E isso admirava-o, porque o mestre João, pela sua instrução e austeridade, era tido por chefe do operariado da villa.

—Foi castigo do Destino, mestre João. Ele, que tirou o pão a alguns camaradas, havia de morrer na fábrica, de um desastre.

E batendo um murro na mesa, o Lanzudo repisou: ..Foi castigo!

O velho encolheu os ombros e respondeu lentamente: —Sabe-se lá.

Depois, como o outro o ficasse interrogando com os olhos, acrescentou: —Já agora, que ele morreu, vou dizer-te por que o acompanhei até á cova.

Olhou furtivamente, enquanto enrolava o cigarro, a taberna já quase vazia, e começou:

—O Malhado não morreu por acaso, como toda a gente julga. Eu sei bem isso, porque fui inspeccionar a máquina. O Malhado, desde que lhe morreu a mulher, punha-se ás vezes, horas segundas, a mexer nas engrenagens e nos veios. Dizia que aquilo não funcionava bem, e até chegou a falar nisso ao director. Há dias, tinha-me dito, desanimado e triste: —Esta nova máquina ficou mal montada, como a outra. Qualquer dia é capaz de se avariar, sem remédio. —Não sejas agoirento —redargul.— Oíça, mestre João —voltou ele.

—E se assim fosse, e viessem a reconhecer que era defeito de construção, os camaradas que estão presos seriam reabilitados? —Talvez; creio bem que sim —respondi. Dois dias depois deu-se o desastre.

—E então? —perguntou Lanzudo, que nada percebia da narrativa do velho.

—Então, fica sabendo: o capataz provocou a avaria, sacrificando a vida. A mulher, que era toda a sua paixão, morrera, apesar dos desvelos dele. Sem ela, sem dinheiro, atormentado de remorsos, que fazer? Suicidar-se, salvando os camaradas. Ora aqui tens a verdade.

Levantaram-se da mesa, o mestre e o Lanzudo, compungidos pela sorte do antigo servente. Já á porta, despedindo-se, o mestre João observou ainda: —Agora, vê lá ...Caluda, para que os filhos não deixem de receber a pensão do seguro.

## ETUDES ET PUBLICATIONS INTERNATIONALES

29, Rue Descartes — PARIS 5<sup>e</sup>

TÉL.: MED. 55-20

EDITA :

### DISCOS

EM PORTUGUÊS

#### PORTUGAL RESISTE

por Luis CILIA  
(canto et guitarra)

disco do «Cercle du Disque Socialiste», n<sup>o</sup> 3 - 45 rot. - 10 F.

No mesmo editor:

EM ESPAÑNOL

#### CANTICOS POPULARES E REVOLUCIONARIOS DO CHILE

por Juan CAPRA  
disco do «Cercle du Disque Socialiste», n<sup>o</sup> 5

#### CARTA A CHE GUEVARA

por Carlos PUEBLA  
disco do «Cercle du Disque Socialiste», n<sup>o</sup> 6

### LIVROS

E OUTRAS PUBLICAÇÕES EM FRANÇÊS

#### La Revolution d'Octobre et le mouvement ouvrier international

por P. BROUE, FAYE, M. FERRO e A. KRIEGL

um volume de 250 págnas - 12 F.

#### Les cahiers du centre d'études socialistes

#### Analyses et Documents

Pedir catálogo grátis para:

Études et Documentation Internationales (EDI)

29, rue Descartes — PARIS 5<sup>e</sup>

C. C. P. 184 62 71

## O CORREIO DOS LEITORES

O «Correio dos Leitores» é a secção de todos vós. É uma secção criada exclusivamente para vos ser útil, para tentar resolver qualquer dificuldade que tenham no vosso trabalho ou em qualquer aspecto da vossa vida em França. Um documento que não saibam onde se tira, qualquer coisa que queiram saber e não saibam onde se dirigir, perguntem-nos a nós. As vossas cartas serão sempre bem recebidas, nós procuraremos responder nesta secção às vossas dificuldades. Se não sabem onde ir tirar os vossos documentos, como tratar dos abonos dos vossos filhos, da assistência médica para a vossa família, nós dir-lhe-emos como hão-de fazer, as repartições onde devem dirigir-se, quais as voltas a dar. Todos nós aqui temos grandes dificuldades. É uma terra desconhecida, onde as pessoas falam uma língua que nós não entendemos, onde podemos ser prejudicados sem dar por ela, porque as pessoas se aproveitam do nosso desconhecimento. Caros amigos, sempre que não tenham a certeza de que uma coisa é assim que se faz ou não, perguntem-nos. Nós vamos esforçar-nos por responder a todas as vossas perguntas. Esperamos que vós não deixareis de preencher este canto que vos dedicamos, especialmente. Ele é para vós, as vossas cartas serão merecedoras da nossa melhor atenção.

## COMO VIGANÇA

### O senhorio deita o fogo à barraca e a locatária (70 anos) morreu queimada

António Francisco, de 58 anos, residente na Quinta da Amoreira, ao Barreiro, tinha uma barraca que alugava depois de alguns anos a uma pobre velha, Maria dos Santos Carvalhinho, de 70 anos de idade.

Já havia muito tempo que o senhorio se recusava a receber a renda, vendo-se a locatária obrigada a depositar a soma respectiva na Secção de Finanças. Com o último temporal a barraca ficou bastante danificada e a locatária chamou um pedreiro e reparou os danos à sua custa.

O senhorio, depois de ameaças, passou a agredir violentamente a velha senhora, e uma bela noite deita fogo à barraca. A mulherzinha morreu carbonizada.

Os vizinhos apresentaram-se às autoridades locais acusando o António Francisco de fogo posto e de homicídio premeditado.

Perante a revolta da população em face daquele acto, o tribunal prendeu o criminoso e instaurou-lhe um processo.

Deixamos o comentário à vontade dos leitores.

## SUGESTÃO A FUNDAÇÃO GULBENKIAN

Há algum tempo já, criou a Fundação Gulbenkian aquilo que se ficou a chamar «Bibliotecas Itinerantes». Trata-se dum conjunto de carrinhas apetrechadas com livros, que se deslocam às aldeias mais recuadas da nossa terra; permitindo, por empréstimo, a leitura de livros à gente do povo. É pois uma iniciativa que mereceu e merece inteiro aplauso.

Ora a Fundação Gulbenkian tem em Paris, na Avenida de Iena, uma biblioteca; mas fixa, cujo horário de abertura (9-12; 14-17) é inconciliável com as possibilidades da maioria dos trabalhadores.

Tendo em conta o elevado número de trabalhadores existente na zona de Paris, parece-nos de todo o interesse que a Fundação Gulbenkian modificasse o horário da Biblioteca da Avenida de Iena (serviço nocturno, por exemplo). E sobretudo, que pensasse também nas Bibliotecas Itinerantes.

Aqui deixamos a sugestão.

## NOTÍCIAS da EMIGRAÇÃO

### PROIBIDA A SAÍDA A PORTUGUESES COM MAIS DE 16 ANOS

«O Governo português decretou que os Portugueses com mais de 16 anos não poderão deixar o país sem uma autorização especial passada pelas autoridades militares. Esta medida deve permitir travar a emigração de jovens que serão chamados para o serviço militar e que poderão faltar por causa da guerra que há seis anos dura nas colónias portuguesas de África».

### MORREU AFOGADO

MERTOLA — Próximo desta vila, no lugar designado por Areia da Gorda, afogou-se José Estevão Inácio Pires, de 19 anos, solteiro, residente em Olhão e natural de Conceição de Faro, que pretendia emigrar clandestinamente na companhia de Francisco Agostinho, de 17 anos, natural de Olhão.

Os dois tinham tomado um táxi em Vila Real de Santo António, que os conduzia a esta vila. Aqui atravessaram o Rio Guadiana, tentando depois atravessar a ribeira de Chança, próximo do local onde deviam passar a fronteira.

Porém, por se terem perdido, voltaram novamente a atravessar o Rio Guadiana, num local de forte caudal, tendo o José Estevão morrido afogado.

O seu companheiro, conseguiu alcançar a margem, entregando-se á G.N.R. a quem contou o sucedido.

O cadáver do José Estevão foi mais tarde encontrado e remetido para a casa mortuária do cemitério local.

### SEIS PORTUGUESES BURLADOS

CANTANHEDE — No dia 29 de outubro, o Sr. Joaquim Jorge de Andrade, de 35 anos, cantoneiro, residente em Tocha Cantanhede, foi abordado por um automobilista que prometeu passá-lo clandestinamente para o Canadá. Esta passagem custaria ao cantoneiro 35 contos; vinte contos seriam pagos antes do embarque, e os restantes 15 contos ficariam depositados numa casa comercial. Estes 15 contos só seriam entregues ao passador depois do Sr. Joaquim Jorge se encontrar no Canadá.

No dia 1 de Novembro o automobilista apareceu em Tocha e levou o Sr. Joaquim Jorge para Chaves, onde já se encontravam mais 5 indivíduos todos de Cantanhede, prontinhos a partir também para o Canadá...

Depois de terem pago vinte contos cada um, ficaram aguardando a melhor altura para passar a fronteira. Cinco dias depois, como o passador não desse sinal de vida, o Sr. Joaquim Jorge resolveu intetar-se do que se estava a passar. Como não conseguisse encontrar nem sombras do passador, dirigiu-se à esquadra da P.S.P., onde as suas suspeitas foram confirmadas: ele e os seus cinco camaradas de fuga souberam então que tinham sido simplesmente burlados.

Lá se foram os vinte contos e a tão desejada viagem ao Canadá.

### Este é o teu Jornal Dá-nos a tua opinião

Escreve-nos para

3, Rue Récamier - PARIS-7<sup>e</sup>

## JORNAL DO EMIGRANTE AO VOSSO SERVIÇO

Nesta Secção procuraremos dar aos nossos leitores todo o género de informações de que necessitam para a regularização da sua estadia, dos seus salários, do

abono de família, etc.

Não podemos dar num só número todas as informações, como é evidente, dado o espaço do jornal não é muito avantajado...

### REÇU POUR SOLDE

#### DE TOUT COMPTE

Seja qual fôr o motivo da saída dum trabalhador dum patrão, este é obrigado a passar-lhe um certificado de trabalho. Este certificado deve mencionar EXCLUSIVAMENTE:

Nome do trabalhador, sua classificação profissional, entrada deste na casa, data da sua saída: data e assinatura do chefe do Pessoal. Toda a apreciação do patrão em relação ao assalariado escrita neste certificado, é ilegal; quer dizer que o patrão não pode dizer nesse certificado as razões por que o trabalhador deixou a empresa, ou se ele foi bom ou mau empregado. O patrão fica sujeito ao pagamento de uma indemnização ao trabalhador, se o fizer.

A partida o trabalhador deve receber a soma completa a que tem direito, salários, «congé payé», «pré-avis», etc. O patrão dá-lhe a assinar o recibo «reçu pour solde de tout compte». O trabalhador só assinará este documento se ele considera que recebeu tudo a quilo a que tem direito. Uma vez assinado, o patrão tem uma prova para os tribunais de que não deve mais nada ao empregado. Se o trabalhador entende que não recebeu tudo, deve ir queixar-se à Inspeção do trabalho do seu bairro. Se o trabalhador entende que foi obrigado a assinar o documento ou que este foi estabelecido numa forma irregular, deve igualmente dirigir-se à Inspeção do Trabalho.

### FOLHA DE SALÁRIOS

No momento do pagamento, o patrão é obrigado a passar uma folha de salários (feuille de Paye) ao trabalhador, seja qual fôr o tempo em que este trabalhou na casa.

A folha de salários deve mencionar:

—Nome, número de matrícula e morada do patrão ou da firma.

—Nome do trabalhador, sua classificação profissional, número de «Securité Social».

—Período e número do horas de trabalho; horas extraordinárias.

—natureza e quantia das «primes»

—Quantia do salário bruto

—os diversos descontos («securité Social», «Mutuelle», Reforma suplementar).

—Data do pagamento.

O trabalhador deve guardar preciosamente as suas folhas de salários, mesma as mais antigas. Elas podem ser exigidas em qualquer momento pela Securité Social, pelo Ministério do Trabalho, pela Polícia, pelos novos patrões, etc.

Quando os trabalhadores se julgarem prejudicados seja com o antigo patrão, seja com o actual, e não souberem como fazer devem dirigir-se aos responsáveis sindicais da empresa, ou, na falta destes, à «Bourse du Travail» da sua Comuna.

## ABONO DE FAMÍLIA

1) O trabalhador português beneficia do abono de família pelos filhos a seu cargo, menores de 15 anos (a partir do 2º filho) que residam em Portugal.

2) A partir de 1 de Março de 1965, o prazo de concessão do abono foi alargado de 2 para 6 anos.

3) Pelo Acordo Complementar passaram igualmente a beneficiar do abono de família os trabalhadores portugueses ocupados em França na agricultura, pelos seus descendentes residentes em Portugal.

4) O prazo de concessão para os trabalhadores agrícolas é igualmente de 6 anos a contar da 1ª entrada em França, com efeito a partir de 1 de Março de 1965.

5) O trabalhador deve dirigir-se à Caixa de Abono de Família francesa do lugar de trabalho (Caisse d'Allocations Familiales) e pedir os impressos SE. 39. 100 (atestado relativo às provas de parentesco) e SE. 39. 101 (requerimento de abono de família) sem os quais, não poderá beneficiar daquele subsídio. Em caso de dúvida, dirigir-se directamente ao organismo de ligação português — Caixa Central de Segurança Social dos Trabalhadores Migrantes — em Lisboa, Av. de Berna, 13-2º.

6) O atestado relativo às provas de parentesco (Impreso SE. 39.100) deverá ser obrigatoriamente autenticado pelas autoridades administrativas portuguesas, isto

é, pelas Juntas de Freguesia do lugar onde residem os familiares do trabalhador, ou então pela própria Caixa Central.

7) Não esquecer que é necessário escrever de modo bem legível e em maiúsculas os nomes e moradas completos, quer do trabalhador quer dos seus familiares.

8) Também, a partir de 1 de Março de 1965, as Caixas francesas passaram a pagar o abono com base na seguinte tabela: — por 2 descendentes . . . . 35 francos. —por cada descende a partir do 3º 18 »

9) No caso de mudar de lugar de trabalho, o trabalhador deve SEMPRE apresentar novos documentos na nova Caixa de abono de família a fim de beneficiar daquele subsídio.

10) Da mesma forma o trabalhador deverá sempre participar à sua Caixa a mudança de residência.

11) O trabalhador deve igualmente enviar mensalmente à Caixa os boletins de presença (bulletins de présence) para verificação dos seus direitos ao abono de família.

12) O trabalhador só terá direito ao abono de família desde que tenha completado 120 horas ou 18 dias de trabalho mensais.

Assistência Médica e medicamentos (ver no próximo número).

### Mudança de Residência

Todo o estrangeiro que mude de residência deve, antes da sua partida, fazer uma comunicação ao comissariado de Polícia ou, na falta deste, à Mairie. Oito dias depois da sua chegada à nova residência deve fazer uma nova declaração às autoridades locais — comissariado ou, na falta deste, à Mairie. Em Paris, esta Lei é obrigatória mesmo no caso de mudança dum «Arrondissement» para outro.

### VAMOS APRENDER FRANCES

Quando como nós se está num país estrangeiro, há o maior interesse em apren-

dermos a língua desse país até para não sermos tão facilmente «levados». E que quem não sabe é como quem não vê e uma pessoa anda p'ra aí muitas vezes «às aranhas», porque não percebe o que lhe dizem, porque não sabe como há-de perguntar qualquer coisa. Portanto, prezados leitores, vamos a aprender o francês. Se em cada região se juntarem uns poucos e escreverem uma carta ao «Maire» respectivo, ele acade geralmente a abrir uma escola, desde que tenha alunos suficientes. Os que moram em Paris, podem dirigir-se à Liga Portuguesa do Ensino e da Cultura Popular. Vamos portanto encorajarmo-nos uns aos outros e decidirmo-nos a aprender o francês.

MORTE DE "CHE" GUEVARA

O dia 8 de Outubro foi consagrado em Cuba como «O Dia Nacional do Guerrilheiro», em homenagem a «Che» Guevara, morto em combate pelas tropas fascistas da Bolívia.

Quem era «Che» Guevara?

A sua vida é um exemplo dum revolucionário, dum amigo do povo.

Nascido na Argentina em 1928, Guevara recebe o seu diploma de médico em 1953. Mas o médico Guevara iria muito mais longe. Abandonando a vida calma e confortável que tinha na Argentina, desembarca em Cuba em 1956 ao lado de Fidel Castro e outros revolucionários dispostos a fazer a revolução cubana. Na serra «Maestra» «Che» Guevara revela-se um grande guerrilheiro, um amigo extraordinário do camponês cubano, explorado pelos grandes senhores de Cuba. Foram três anos de luta, de sacrifício e de protecção aos camponeses, que imediatamente reconheceram em Fidel Castro e em todos os outros revolucionários, como Guevara, os defensores sinceros do povo. Em 1959, já não são apenas os revolucionários desembarcados em Cuba em 1956, mas todo o povo cubano, com as armas na mão, quem derruba o governo fascista e impõe um governo popular.

Em 1965, Guevara pede a demissão do cargo de ministro da indústria cubana, não por descontentamento mas porque os seus ideais o levam a fazer novas revoluções populares. Volta a ser guerrilheiro, aos sacrifícios da serra e da luta pela libertação de outros povos oprimidos.

É assim que a oito de Outubro de 1967 ele é morto em combate pelas tropas fascistas da Bolívia. Mas «Che» Guevara não morreu no espírito dos povos. Tal como ele disse a propósito da morte de um outro guerrilheiro, Camilo Cienfuegos: «Quem o matou? Seria melhor perguntarmos: Quem eliminou o seu ser físico. Porque a vida de homens como ele tem o seu prolongamento no povo; ele não acabará senão quando o povo assim o decidir».

No século passado, no Oriente, uma doença conhecida há muito tempo, o beri-beri, era um autêntico quebra-cabeças para todos os médicos. O doente apresentava como sintomas a paralisia das mãos, dos pés, depois dos músculos do tronco, o que dava lugar á morte por asfixia. Outras vezes uma ferida aparecia nas pernas, estendia-se a todo o corpo. A membrana que envolve o coração inchava. A tensão arterial baixava e a morte podia vir dum momento para o outro. O beri-beri era, assim, considerado como uma doença contagiosa cujas causas se ignoravam.

OS MARINHEIROS JAPONESES

Foi assim até que um médico japonês, Takaki, observou que o beri-beri, tão frequente nos marinheiros do seu país era desconhecido dos marinheiros ocidentais. As condições de vida e de higiene eram as mesmas, mas as duas alimentações eram profundamente diferentes. A ração alimentar dos marinheiros japoneses era feita quase unicamente de arroz polido, quer dizer, um arroz sem casca. A ração dos marinheiros ocidentais era, ao contrário, extremamente variada. Takaki teve a ideia de dar um regime europeu, carne e legumes variados, aos marinheiros japoneses atingidos pelo beri-beri. A cura foi rápida. O beri-beri era assim uma doença provocada pela falta dum certa substância na alimentação. Takaki sem ter a mínima ideia da natureza desta substância, acabava de descobrir o meio de prevenir e mesmo de curar uma doença misteriosa.

AS GALINHAS DE EIJKMAN

Mas a descoberta de Takaki não teve na altura grande repercussão. Em 1889, um médico holandês, Eijkman curava em Java prisioneiros paralíticos atingidos pelo beri-beri. O médico holandês tinha reparado que as galinhas do pátio tinham muitas vezes as patas paralisadas e apresentavam perturbações nervosas como no caso do beri-beri. Reparou também que galinhas e prisioneiros alimentavam-se quase exclusivamente de arroz sem casca. Nos campos em volta, as galinhas que se alimentavam de arroz completo não apresentavam sinais de doença. Eijkman dedicou

se então metódicamente a descobrir a causa. Um certo número de galinhas foi dividido em três regimes de alimentação diferente. No primeiro regime o arroz era comido inteiro. No segundo meio descascado. No terceiro sem nenhuma casca. Eijkman verificou que só as do último regime foram atingidas de paralisia. E se a doença não estava muito avançada era possível curá-las adicionando a casca do arroz á sua ração de arroz polido. Aplicando este tratamento aos prisioneiros Eijkman conseguiu curá-los. Chegou assim á seguinte conclusão: a casca do arroz contém uma substância indispensável á vida.

A DESCOBERTA DA VITAMINA

Foi o grande químico Funk que tentou descobri-la. Por técnicas complicadas isolou da casca de arroz uma substância cristalizada (alguns centigramas a partir de 50 Kg). O produto obtido possuía uma função que os químicos chamam amina. E como essa amina era indispensável á vida, Funk chamou-lhe Vitamina (amina vital).

Mais tarde descobriram-se outras substâncias indispensáveis e presentes em certos alimentos em percentagens muito reduzidas. Chamou-se-lhes também vitaminas. As vitaminas encontram-se, sobretudo, nos corpos gordos, nos legumes e nos frutos crus.

Sabia que

Foi o marquês de Pombal que autorizou os estudantes de medicina a estudar sobre o corpo humano. Até aí as leis divinas e humanas proibiam-no, e os professores eram obrigados a dar as suas lições sobre o cadáver dum... carneiro.

Os heréticos, isto é, os que têm as suas opiniões pessoais quanto á religião católica, eram queimados vivos na Praça do Rossio, em Lisboa. Para se ser herético bastava não comer carne de porco...

Foi Portugal o primeiro país da Europa a abolir a pena de morte em 1822.

No reinado de D. Fernando I foi decretada uma reforma agrícola, chamada Lei das Sesmarias, segundo a qual os proprietários de terras que possuíam muitas fazendas sem serem cultivadas eram obrigados a dá-las a quem não tivesse terras para cultivar.

Afonso Costa, chefe do Partido Socialista Português e ministro republicano está sepultado no cemitério parisiense «Père Lachaise».

O engenheiro Eiffel que fez o plano da torre que tem o seu nome fez também o da Ponte de D. Luís no Porto e o do elevador de Santa Justa em Lisboa.

AS AVENTURAS

do

NA OPERA



Barrasquinho

A meia luz dum lâmpada de 15 velas, Sousa Barrasquinho, aspirante de finanças, topou, ao descalçar-se, com uma grande batata no calcanhar direito. Desolado, olhou o pé, ergueu os braços á altura da cabeça e desfechou duas, três punhadas na mesa, berrando: «Vida de cão. Amanhã vou mudar de vida.»

Magiou toda a santa noite o Sousa Barrasquinho no que é que iria fazer para mudar de vida. Uma coisa era certo: nada de políticas. Quando alguém chegava ao pé do Barrasquinho e lhe dizia: «Amigo, levamos uma vida de cão. É preciso unirmo-nos. Lutar contra o Governo», o aspirante das finanças fazia ouvidos de mercador. Sousa Barrasquinho era alérgico á política como o piolho ao D.D.T. E, depois, sobretudo, não queria nada com essa gentalha de fato-de-macaco. Sousa Barrasquinho queria vencer por si mesmo. Realizar alguns sonhos muito «belos» que sonhava, nas horas de cera, na casa de banho da repartição: ter automóvel, uma boa casa, pelo menos uma amante. Mais tarde casar, ter muitos meninos, ser feliz. Com o mal dos outros passava o Barrasquinho bem.

Magiou e magicou, pois, o Barrasquinho, decidindo no outro dia ir á Opera. Podia, qual era a dúvida, catar por lá uma dessas velhinhas ricas que se sabe.

Barrasquinho alugou um fato, abinha de bacalhau e calça de fantasia, e cafu no Teatro de S. Carlos. Antes, porém, como as calças lhe ficassem excessivamente grandes, teve o cuidado de as ajeitar com um alfinete de dama.

Muitas peles, muitos salamaleques no

Teatro. Olho vivaço, Barrasquinho passava revista aos decotes das senhoras. Depois fez-se noite na sala e a ópera começou.

Daí a nada já o nosso herói roncava que nem um legítimo suíno. E assim foi até que um dos poucos sujeitos que apreciava a ópera a sério e que estava exactamente por detrás do aspirante de finanças, furioso e indignado, lhe cravou duas compridas unhas no cachaço.

—Uii! uii! —O grito de Barrasquinho atravessou a sala.

Pânico geral. A música parou. No palco, o «galant» que dizia á rapariga: «Morre-ria, meu amor, se tu me deixasses», largou-a bruscamente e, ó pernas para que vos quero: Num camarote á frente, um senhor do Governo levantou-se, nervoso, dizendo: «Mau Maria, mau Maria!». Acenderam-se as luzes. A pressa, alguns cavalheiros tiravam as mãos de cima das senhoras. As senhoras compunham-se. Outros, súbitamente acordados, perguntavam: «Algum tremor de terra?»

Barrasquinho estava vermelho que nem um pimentão. Para cúmulo, uma senhora em que ao princípio tinha reparado, olhava-o agora com a cara que um patrão faz quando entra numa fábrica em greve.

Barrasquinho ergueu-se e desatou a correr. Levava lume no rabo. A meio do corredor o alfinete de dama soltou-se. E foi segurando as calças que o nosso herói saiu do Teatro, falhando a sua primeira tentativa para se tornar rico.

QUAL A PROXIMA TENTATIVA DE BARRASQUINHO? LE O 2º NUMERO DE JORNAL DO EMIGRANTE

OS PONTOS NOS II

Há duas espécies de chá: o chá propriamente dito — o verde e o de laranja, por exemplo — e o Xá da Pérsia. O chá que se toma normalmente é um vegetal e depois de preparado bebe-se com prazer.

O Xá da Pérsia é um animal que não se pode gramar nem com molho de tomate. Se não vejamos:

— Depois, de vinte e seis anos de mando fez-se o Xá consagrar imperador. Sua mulher, a mundanamente famosa Faradiba ficou-se com a coroa de regente. Vieram as revistas das senhoras do «tricot» e da canasta — género «Elle» e «Paris Match» — cheias de fotografias da sumptuosa cerimónia. Disse-se, claro está, que o Xá e a senhora Xá formavam um lindo par de jarras. Só a coroa que sua magestade colocou na cabeça possuía 3.380 diamantes, 368 pérolas, 2 safiras e 5 grandes esmeraldas. Mas o Xá deu-se ainda ao luxo de encomendar viaturas em ouro, 6 milhões de lâmpadas de cor e ainda outras coisas; e só no manto da imperatriz trabalharam durante

quatro meses 22 costureiros da famosa casa parisiense Dior.

Ora no país do Xá nada admite tanto luxo. Rapa-se por lá muita fominha: a Pérsia é um dos países mais atrasados do mundo.

Claro que no palácio imperial não anda ninguém a apertar o cinto. Claro, também, que as senhoras do «tricot» e da canasta se estão perfeitamente nas tintas para o Zé Povinho. Mas há quem não esteja, gaita: Quem não esteja para o Zé Povinho e também para o chá propriamente dito, que se bebe com prazer. Mas quanto ao outro, ao da Pérsia, que acaba de se tornar imperador, esse é, pois não acham, indigesto como o cú do pepino?

LE E ASSINA "JORNAL DO EMIGRANTE"

